

Confronto entre policiais civis e militares em Samambaia começou com uma discussão fútil entre um cabo e um delegado. Presidência da República cobra nomes dos responsáveis

Muito barulho por nada

Da Redação

Era noite da última sexta-feira. Em uma das quadras sem asfalto de Samambaia, a 513, o cabo da Polícia Militar Herbert Santos Rodrigues aproveitava a folga — só trabalharia na terça-feira seguinte — para conversar com amigos na frente de casa, onde mantém uma carrocinha de cachorro-quente. O vizinho da casa da frente, Romualdo dos Reis, saía para o trabalho. Na verdade, a vizinhança ali é majoritariamente de policiais militares. Ao ver Herbert, que também é seu colega no 11º Batalhão da PM (Samambaia), Romualdo encostou o carro ao lado da motocicleta de outro amigo, também militar, mas do Corpo de Bombeiros. Romualdo não desligou o motor, porque o carro só pega se alguém empurrar, e abriu a janela do carona.

Trocaram algumas palavras quando apareceu uma viatura da Polícia Civil, com o rotolight ligado. No carro, o delegado Gilberto Damasceno, acompanhado de um agente da delegacia da cidade, a 26ª DP. Os policiais tinham acabado de resolver uma briga de vizinhos e voltavam para a delegacia. No caminho, aproveitavam para fazer uma ronda pelas ruas.

Ao ver o fusca e a motocicleta ao lado da carrocinha de cachorro-quente, o delegado resolveu averiguar. Ele disse para Romualdo, que nem chegou a sair do carro, que o fusca estava bloqueando a rua. Romualdo não gostou, achava que havia espaço suficiente para passar qualquer veículo, mas resolveu não discutir. Engatou a marcha e foi trabalhar.

Os policiais civis, então, abordaram o bombeiro em sua motocicleta e pediram seus documentos. Foi nesse momento que o cabo Herbert reclamou. O tom dessa reclamação varia conforme o interlocutor. Para os civis, foi ofensiva contra o trabalho que estavam realizando. Para os militares vizinhos de Herbert, não foi nada demais.

Ofendido, o delegado teria dito a Herbert que a conversa não era com ele, mas com o rapaz na motocicleta. O cabo então se identificou como PM, mas reclamou novamente. Para o policial civil, estava caracterizado o desacato à autoridade. O cabo foi “convidado” a acompanhar os policiais até a delegacia e, em seguida, ouviu que o oficial-de-dia do batalhão seria avisado. Herbert resolveu avisar ele mesmo e se dirigiu para dentro de casa. Só chegou até a porta. Antes de entrar, foi seguro pelo delegado, que lhe



POLICIAIS MILITARES INVADEM DELEGACIA EM SAMAMBAIA PARA LIBERTAR UM CABO PRESO POR DESACATO: DELEGADO CULPA TENENTE DA PM POR CONFLITO

aplicou uma chave de braço.

Na rua, o agente que acompanhava o delegado deu um tiro para o alto. Logo em seguida, outro tiro. Eram 22h e os policiais militares em suas casas correram para a rua. Em pouco tempo, concentraram-se em frente à casa de Herbert. A princípio, pensaram que era assalto. Ao perceberem que o detido era o cabo da PM, tentaram dissuadir os policiais civis. Não houve acordo. A única concessão foi deixar que um dos PMs acompanhasse Herbert na viatura. Na delegacia, no entanto, o motivo da prisão do cabo mudou de desacato para desobediência.

Não é apenas uma diferença semântica. O primeiro significa lavar um flagrante que dará origem a um inquérito. O segundo é resolvido com a assinatura de um termo circunstanciado e a liberação imediata do acusado. Não houve tempo nem para um, nem para outro. Em questão de minutos o estacionamento da delegacia estava tomado por

policiais militares. Pouco depois, Herbert foi retirado da delegacia pelos colegas.

COMEÇAM OS DEPOIMENTOS

A Polícia Civil começa hoje a entender melhor o que aconteceu na QR 513 de Samambaia. Além de ouvir os seis agentes que estavam de serviço na delegacia, também está marcado para hoje o depoimento do delegado Damasceno na Corregedoria Geral de Polícia, onde corre o inquérito civil sobre o caso. Para ele, o principal responsável pelo incidente na delegacia foi oficial-de-dia do 11º batalhão, tenente Mendonça. “Ele não teve pulso para controlar os policiais”, afirmou Damasceno.

Enquanto isso, o coronel Hellen José Futuro Rocha Filho, responsável pelo inquérito militar, vai ouvir cinco dos policiais militares que foram até a 26ª DP, em Samambaia. Até agora, quatro PMs foram afastados de suas funções — estão realizando tra-

“SÓ QUERIA SABER POR QUE FIZERAM AQUILO TUDO COM MEU MARIDO. O PRÓPRIO DELEGADO DISSE QUE TUDO ISSO PODIA TER SIDO EVITADO”

MARIA IRANI RODRIGUES

Mulher do cabo Herbert

balho burocrático. Ao todo, 25 PMs já foram identificados nas imagens gravadas na noite de sexta-feira. Segundo o coronel Hellen, o afastamento de outros PMs depende do comportamen-

to que tiveram na delegacia.

“Só queria saber por que fizeram aquilo tudo com meu marido. O próprio delegado disse que tudo isso podia ter sido evitado”, diz Maria Irani Rodrigues, mulher do cabo Herbert, que ainda não entendeu como o que aconteceu em frente a sua casa tomou uma dimensão tão grande.

O conflito entre policiais civis e militares é atribuído à concessão, pelo governador Joaquim Roriz, de uma gratificação aos civis. Os PMs reivindicam abono parecido e até agora não receberam. Para pagar a gratificação dos militares — chamada GAM —, o GDF está negociando com o governo federal, até agora sem sucesso. Segundo um assessor de Roriz, a divulgação das imagens do conflito esfriou as negociações. Ontem, Roriz se reuniu com o general Alberto Cardoso, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, que cobrou rapidez na apuração das responsabilidades pelo confronto.